



BELA TERRA: Obra audiovisual que versa sobre a ocupação norte-americana em Belterra-Pará

BELA TERRA: Audiovisual artwork that deals with the North American occupation in Belterra-Pará

SANTOS, Gustavo Azevedo da Silva¹

MATSUNAGA, Celia²

¹Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília (UnB), Brasil. gustavodacei@gmail.com
ORCID 0000-0002-6145-3412

²Faculdade de Comunicação, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília (UnB), Brasil.
celiamatsunaga@unb.br
ORCID 0000-0002-9838-1782

Recebido em 19/02/2020 Aceito em 01/03/2020

Resumo

Ecos dos empreendimentos da norte americana Ford Motor Company em Belterra-PA e Fordlândia-PA são os principais elementos deste estudo e análise, que questiona o desenvolvimento colonizador na região do Rio Tapajós, Pará. A construção da investigação proposta partiu da vivência de campo, pesquisa bibliográfica e poética que resultou na obra audiovisual denominada “Bela Terra”. No videoarte se vê fragmentos da História brasileira e de sua posição num contexto global de exploração, a partir de representações visuais e simbólicas que evidenciam o impacto estrangeiro na formação da identidade cultural dos povos da Amazônia.

Palavras-Chave: Amazônia, colonização, Fordlândia, arquitetura, audiovisual, videoarte.

Abstract

Echoes of the North American Ford Motor Company ventures in Belterra-PA and Fordlândia-PA are the main elements of study and analysis, which question the colonizing development in the Tapajós River region, Pará. The construction of the investigation proposed started from the field experience, bibliographic and poetic research that had resulted in audiovisual artwork called “Bela Terra”. The video art shows fragments of Brazilian history and its position in a global context of exploration, based on visual and symbolic representations that have been impacting the formation of the cultural identity of people living in the Amazon.

Key-Words: Amazon, colonization, Fordland, architecture, audiovisual, video art.



1. Introdução

"Amazônia: Visualidade gráfica, poética e imaginário", vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Design e ao Núcleo de Estudos Amazônicos do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília (NEAz/CEAM/UnB), por muitas vezes chamado de "Projeto Amazônia", é um projeto de pesquisa exploratória baseada nos processos criativos em Comunicação, Arte e Design. Sendo uma pesquisa de caráter transdisciplinar, busca integrar diferentes disciplinas e atores - professores, pesquisadores e estudantes -, com o intuito de criar possibilidades de experimentação, criação de novas linguagens, promovendo a troca de conhecimentos, além de enriquecer o processo de aprendizagem e de criação poética.

"Bela Terra" é um dos resultados obtidos dentro desse processo de investigação artística. Nesse contexto, a arte surge como transmissor de ideias, conceitos e mensagens. O trabalho surgiu durante a quarta expedição do Projeto Amazônia e da Vivência Amazônica 2017, promovida pelo NEAz. A experiência na Amazônia nos levou a compreender comportamentos, tradições e ao mesmo tempo, as relações conflituosas vividas pelos povos da floresta. A partir da vivência com comunidades ribeirinhas do Rio Tapajós (PA), as intrincadas relações de poder do Estado-capital-homem, tornou-se o foco principal desta investigação.

Na ocasião, por meio de uma construção coletiva e colaborativa, 40 pessoas, dentre estudantes e professores, realizaram uma série de atividades de formação e de arrecadação de recursos para que fosse possível a viagem à Amazônia, contribuindo para o intercâmbio científico e cultural através de práticas e trocas de experiências no âmbito da pesquisa e extensão.

Em um ônibus que partiu de Brasília e que cruzou grande parte da Rodovia Transamazônica (BR-230), acadêmicos de diferentes áreas do conhecimento passaram por Araguaína-TO, Marabá-PA, Brasil Novo-PA, Medicilândia-PA, Santarém-PA, Itaituba-PA, Serra do Cachimbo-PA e Cuiabá-MT. Durante o período de 20 dias, passando por três importantes estados brasileiros - Tocantins, Pará e Mato Grosso -, foi possível o contato com práticas indígenas, quilombolas, político governamentais, acadêmicas, agroecológicas e de educação no campo.

A passagem por Santarém-PA, especialmente pela Universidade do Oeste do Pará (Ufopa), foi determinante para o retorno do Projeto Amazônia a Terra Indígena Munduruku, localizada em uma área sobreposta à Floresta Nacional do Tapajós (Flona). A aldeia conta com cerca de 50 famílias distribuídas nas duas localidades: Bragança e Marituba. Além disso, as comunidades ribeirinhas de Nazaré e do Lago do Marai também estão situadas nessa região e compartilham, junto ao Povo Munduruku, de semelhantes problemas de isolamento espacial, educacional, político, cultural e comunicacional (SANTOS, 2018).

O caminho por terra saindo da comunidade de Bragança em direção a Alter do Chão-PA (BR 163), nos levou a passar por Belterra-PA na tarde de sexta-feira do dia 8 de dezembro de 2017. Belterra-PA, ou Bela Terra, conhecida por seu solo fértil de 'Terra Preta' resultante da ocupação indígena, desperta curiosidade por sua arquitetura e resquícios da colonização trazida pelos Estados Unidos da América (EUA). Pautada na exploração dos recursos naturais brasileiros e em uma política favorável à ocupação colonizadora.

Frame 1: Casa da antiga Vila Americana em Belterra-PA



Fonte: Gu Da Cei (2017)

Belterra surge num contexto de falência de Fordlândia. A cidade norte-americana havia sido criada em uma área de um milhão de hectares, concedida pelo governo do Pará - às margens do Rio Tapajós -, com o objetivo de abastecer a *Ford Motor Company* com borracha de látex. O látex era extraído das seringueiras para confecção de pneus para automóveis. Henry Ford, criador da companhia, é considerado um dos empresários que levaram os EUA à posição de potência mundial no início do século XX. Ele revolucionou a indústria norte-americana e mundial em vários aspectos (DUARTE JR., 2015).

A região da Amazônia, especialmente as cidades desenvolvidas próximo ao encontro entre os rios Amazonas e Tapajós, vivia um período de estagnação econômica pós-ciclo da borracha, que vai da década de 1910 a meados da década de 1940. Iniciativas como o Plano da Borracha (1912) que apresentava facilidades de isenção fiscal, acesso às terras devolutas do Estado e aos recursos naturais para o capital internacional, não foram suficientes para assegurar o sucesso desejado com o plano (MAHAR, 1978).

A seringueira (*Hevea brasiliensis*) é uma árvore originária da Amazônia e que, devido ao seu valor e grande interesse internacional, transformou a vida econômica e urbana de Manaus e Belém durante o Primeiro Ciclo da Borracha, também conhecido como Belle Époque Amazônica. Belém e Manaus vivenciaram avanços nas áreas de saneamento e transportes urbanos (por meio de bondes elétricos), linhas regulares de navios diretamente para a Europa, e se tornaram dois dos principais centros de negócio de diamantes no mundo no início do século XX, rivalizando diretamente com Londres e Nova Iorque (DUARTE JR., 2015).

Em mais um processo de exploração e uso indevido dos recursos naturais brasileiros sem a compreensão nacional, o britânico Henry Wickham, entre 1869 e 1872, viajou por toda a região do rio Tapajós e conseguiu enviar para o Reino Unido cerca de 70 mil sementes de seringueiras para estudo e aclimação (DUARTE JR., 2015). Fato que possibilitou a plantação das sementes em colônias britânicas no sudeste asiático. Isso foi determinante para que outros mercados oferecessem a borracha natural em escala crescente no mercado internacional a preços menores que o Brasil, levando à estagnação econômica da região amazônica.

Henry Ford, insatisfeito com a dependência da borracha britânica, decide criar sua própria plantação de seringueira no Brasil. Na ocasião, havia a isenção total de tarifas de exportação e importação por parte do governo brasileiro. Após estabelecido acordo entre as partes, Ford adquiriu o direito de explorar os recursos existentes no terreno, construir qualquer obra de engenharia ao longo do rio Tapajós sem consulta prévia, abrir bancos e representações comerciais



em seu terreno, constituição de força policial e outras coisas mais. O antigo terreno conhecido como Boa Vista deu lugar a Fordlândia.

Dois navios foram enviados dos EUA diretamente para Fordlândia. Os porões dos navios continham tudo o que se podia imaginar para a construção de uma cidade: tratores, geradores, enxadas, pás, machados, máquinas para estradas, britadeiras, equipamentos hospitalares e para a produção de concreto, material de escritório, roupas de trabalho, comida, uma fábrica de gelo etc. (DUARTE JR., 2015).

Segundo Grandin (2010, p. 18) à época, o jornal Washington Post e a Revista Time noticiaram que o projeto de industrializar a selva proposto por Henry Ford era uma possibilidade de o homem branco levar a magia da civilização “para o mundo selvagem”. No final de 1930, Fordlândia já estava estruturada como uma cidade norte-americana na Amazônia, com casas, jardins, escola bilíngue, hospital de referência nacional, ferrovia, estação de captação e tratamento da água do Rio Tapajós etc.

2. Ascensão e queda do projeto de desenvolvimento da Amazônia

De acordo com Sena (2008), Fordlândia provocou grandes mudanças na cultura local, alterando relações de trabalho e da vida de seus habitantes. A década de 1930, durante a vigência do Estado Novo no Brasil, é marcada pelo avanço da acumulação capitalista; redefinição do papel econômico do Estado; implantação de um núcleo industrial de base; e a afirmação do modelo urbano-industrial enquanto eixo predominante da economia brasileira (MENDONÇA, 1990).

Os US\$ 7 milhões investidos e seis anos de trabalho em Fordlândia não foram suficientes para o sucesso do projeto, ao contrário, considerando-se a má escolha da localização do empreendimento. Foram muitos os fatores que contribuíram para seu fracasso: o “mal das folhas”, doença que atacou os seringais e destruiu praticamente toda a plantação naquele momento (SENA, 2008); a forma acidentada do terreno para o desenvolvimento da seringueira; a distância do projeto até o porto de Santarém (principal cidade naquela região e lugar de concentração da mão de obra disponível) e a dificuldade de navegação dos navios maiores durante o período da estiagem (CRULS, 1939).

A inexperiência apresentada pelos dirigentes da empresa Ford somaram-se a comportamentos inadequados de seus coordenadores, o que tornou insustentável a convivência entre patrões e empregados. Os brasileiros eram tratados de forma desrespeitosa, discriminatória, com apelidos pejorativos usualmente relacionados à cor da pele, menor estatura e eventuais deficiências físicas (DUARTE JR., 2015). O desconhecimento sobre clima, solo, rios, cultivo de seringueiras e sobre a vida social na região (PEREIRA, 2016) contribuindo para o fim do projeto.

Grandin (2010) indica que, mesmo com a escassez de recursos humanos para as plantações, a mão de obra indígena foi descartada, pois era considerada “não domesticada”, “inapta ao trabalho”, “preguiçosa”, “indisciplinada” e “traíçoeira” pelos dirigentes. A apropriação do espaço sob uma perspectiva trabalhista, exigia dos “aptos ao projeto” uma performance desvinculada de qualquer interesse que não favorecesse os colonizadores. Resultando em opressão por combinação de mecanismos de coerção e consentimento.

Em 1934, especialistas ligados a multinacional estadunidense Ford optaram pelo deslocamento do empreendimento de borracha rumo a Belterra-PA, onde se desenvolveria a nova plantação e construção de uma cidade semelhante a Fordlândia (GRANDIN, 2010).

Belterra-PA viu a hierarquização humana sendo representada e vivenciou, na distribuição das moradias e dos indivíduos, a divisão dos espaços em Vila Americana (Frame 1), onde viviam os coordenadores do projeto. Os trabalhadores envolvidos nos cargos de chefia viviam na Vila Mensalista. Vila Operária, onde moravam os trabalhadores com alguma especialização, como mecânicos. Vila Viveiros I e II, onde moravam aqueles que cuidavam das mudas de seringueiras. E, por fim, Vila 129 onde viviam os trabalhadores que desenvolviam as atividades braçais. Existiam



ainda mais dois espaços sociofuncionais: a Vila Timbó, destinada aos enfermeiros funcionários do Hospital Henry Ford, e a Vila Pequiá, onde moravam os poucos seringueiros e operários que não viviam em cabanas (PEREIRA, 2016).

Para fins analíticos, podemos apresentar os elementos estruturantes dessa experiência em Belterra: 1) um conjunto de procedimentos, usos e apropriação do território alheio à gente do lugar, sob a racionalidade do lucro e do uso da técnica mais sofisticada que, na prática, representou um processo de expropriação da natureza das famílias que lá moravam antes da chegada da empresa de Henry Ford; 2) a destruição ou o desarranjo dos modos de vida preexistentes no lugar, com o recrutamento de sua população na área rural e seu deslocamento para a cidade recém-criada para atender às necessidades de mão de obra da Companhia, sendo que o seu ajustamento ao novo modo de vida urbano se deu por meio de um processo de (re)socialização na cidade, que visava constituir o novo tipo humano, disciplinado e hierarquizado, necessário à atividade industrial; 3) o uso predatório da natureza, causado principalmente pelo grande desmatamento e pelas queimadas; 4) a enunciação dos estereótipos e a sociabilidade de evitação por parte dos americanos, pré-figuradas e estimuladas pelo desenho hierarquizado das moradias na cidade, que expressavam a premissa de industrializar a selva, levando até ela a civilização do homem branco; 5) um tipo de urbanização que ainda não havia sido experimentado na região e que contrastou com a pobreza e precariedade dos serviços existentes, no período, nas cidades da Amazônia. (PEREIRA, 2016)

Para Matos Pereira (2013), os relatos indicam que a borracha de Belterra e Fordlândia não abasteceu o mercado norte-americano, mas fala-se que, de lá, eles levaram ouro, prata, madeira e outros minérios. Belterra foi repatriada pelo governo brasileiro em 1945, integrando o município de Santarém após desistência da *Ford Motor Company*, tendo em vista o surgimento da borracha sintética (derivada do petróleo) e o baixo custo da borracha no continente asiático.

As cidades-empresa de Fordlândia e Belterra, do ponto de vista empírico, significaram a materialização da “fala do desenvolvimento” e do projeto de modernização capitalista proposto pelo presidente Getúlio Vargas para o Brasil (MATOS PEREIRA, 2013). Estudos e produções comunicacionais são necessários para entender a importância do patrimônio cultural deixado pelos americanos, de forma a promover a localidade.

A arquitetura das casas, organização espacial da cidade e as típicas caixas d'água estadunidenses (Frame 2) são alguns dos rastros mais relevantes e que mantêm a memória de Belterra e Fordlândia viva, muitas delas consideradas patrimônio histórico tombado. No caso de Fordlândia, por exemplo, a caixa d'água tornou-se referência para os navegantes no Rio Tapajós (DUARTE JR., 2015).

A ideia de progresso vinda da ocupação norte-americana está presente na bandeira oficial de Belterra, que carrega o emblema “Livre para o Progresso”. Assim como na representação de uma seringueira, de frutos do Rio Tapajós, dos galpões americanos e da caixa d'água, que se tornou uma espécie de monumento. A análise e questionamentos acerca da arquitetura e desenho são objetos de obras da dupla de fotógrafos da vanguarda alemã Bernd e Hilla Becher, que apresentam estruturas arquitetônicas industriais (silos, caixas d'água, caldeiras etc.), denotando uma estética modelada a partir do próprio pragmatismo do objeto e de sua função reprodutiva do capital (COSTA, 2010).

As "caixas d'água" representam a disponibilidade de água, mineral essencial para a vida. Em Ceilândia-DF, assim como em diversas cidades brasileiras, a figura da Caixa d'Água central representa uma transição da cidade. Além de ponto turístico não acessível, por sua relação patrimonial de acesso limitado aos funcionários da companhia que mantém o espaço sob custódia, é um marco de identificação daquela região enquanto cidade. Neste caso, fruto de uma Campanha de Erradicação de Invasões (CEI - que dá origem ao nome Ceilândia) higienizadora, que surge do descontentamento com a permanência do povo nordestino após a inauguração, em 1960, da nova capital do Brasil, Brasília.



No contexto amazônico, a dominação norte-americana incluía a propaganda, tendo em vista o cenário político da época de competição com a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e a estratégia de manter a América do Sul sob influência dos Estados Unidos da América. "América para os americanos". Fatos que promoveram, em 1943, a produção de um documentário co-produzido entre o *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (Agência do Coordenador de Assuntos Inter-Americanos) e o Estúdio de Walt Disney. O documentário fazia parte de uma série de filmes comerciais e documentários dedicados a promoção da chamada "Política da Boa Vizinhança na América Latina" durante a Segunda Guerra Mundial (WEINSTEIN, 2007).

Frame 2: Caixa d' água em Belterra-PA



Fonte: Gu Da Cei (2017)

Barbara Weinstein (2007) atenta que o documentário, precocemente, utiliza-se de elementos do que se tornaria a "teoria da modernização", baseada na noção de que todas as pessoas aspiram um modo de vida mais moderno e que só precisam da tecnologia e do capital apropriados para repetir a trajetória das sociedades mais "avançadas". O documentário indica que a aspiração humana "universal" para o progresso e para uma vida melhor também é atributo dos habitantes da Amazônia. Sua potencialidade para a modernidade e o progresso são definidas como "adormecida". Para despertar e realizar essa potencialidade plenamente, só faltaria o estímulo do capital e da tecnologia estrangeiros (WEINSTEIN, 2007).

Podemos observar que a ideia de desenvolvimento e progresso estão sempre associados aos símbolos culturais vindos de países considerados desenvolvidos. No caso aqui analisado, do próprio EUA. Essa concepção despreza os conhecimentos tradicionais na medida que impõe um modelo desenvolvimentista pautado na perspectiva do estrangeiro. Glauber Rocha (1965), em seu manifesto sobre uma estética da fome, afirma que "a América Latina permanece colônia e o que diferencia o colonialismo de ontem do atual é apenas a forma mais aprimorada do colonizador. Além dos colonizadores de fato, somam-se as formas sutis daqueles que também sobre nós armam futuros botes".

Diversas produções audiovisuais foram criadas na tentativa de retratar os atrativos e a história de Belterra e, principalmente, de Fordlândia. A exemplo do documentário "Fordlândia, um império perdido na Amazônia (2008)", dirigido por Marinho Andrade e Daniel Augusto, que entrevista sobreviventes da época em que a cidade ainda estava em funcionamento.



3. A obra *Bela Terra*

A partir da experiência empírica e da pesquisa de campo em Belterra-PA, foi produzido um vídeo que documenta as mensagens compartilhadas entre o olhar e a cidade. Intrigado com a arquitetura e história ali presentes durante a breve passagem, considerando as condições artísticas possíveis pelas capturas de imagens realizadas em vídeo e câmeras fotográficas, na tentativa de extrair das camadas que os olhos e a mente foram sensíveis ao captar, nasce a obra "*Bela Terra*". Disponível em <http://bit.ly/belaterra>.

Autores como Benjamin (1994) e Canclini (1998) colocam a cidade como um espaço de passagem, onde se atravessam e se acumulam camadas (sons e ruídos de todo tipo, monumentos, pichações, cartazes publicitários, vitrines, painéis eletrônicos, tapumes...). E Doreen Massey (2008), em sua perspectiva de politizar o pensamento sobre o espaço, afirma que vídeos fazem notar as diferentes trajetórias que configuram cada lugar, além de apresentá-las como trajetórias em aberto, em constante devir, vinculadas e desvinculadas a um só tempo do contexto global atual.

A câmera na mão e o olhar curioso de quem estava na Amazônia faz com que as inquietações ali postas fossem traduzidas em um produto audiovisual. No trabalho, buscamos explorar a linguagem, a interatividade, a natureza que convida ao jogo, a manipulação, a transformação, ao ensaio e à mudança, a experimentação e à invenção de outras regras estéticas (PLAZA, 1998). Nele, pode-se ver signos que representam o que Belterra tem de singular.

O vídeo, como umas das principais instâncias criadoras da arte (MACHADO, 1997), possibilitou a criação de "*Bela Terra*". No qual constam imagens de um plano sequência de umas das principais ruas da antiga Vila Americana de Belterra, mostrando como o território segue uma ordem rumo à adoção de novos padrões visuais. Ao mesmo tempo, reforça a imagem da caixa d'água que marca a vivência de quem passa pela paisagem. É fragmento da história conflituosa entre norte-americanos e a Amazônia brasileira.

Publicidade do período de maior influência norte-americana, ainda presente em Belterra, foi capturada durante esta pesquisa e trazem a marca da Ford Motor Company com o texto "A gente tem estrada" (Frame 3). A ideia de desenvolvimento atrelada ao automóvel e ao asfalto é desconstruída no próprio retrato do outdoor relicário, sem valor e possuidor da aura de um projeto fracassado, mas determinante para a dinâmica ali desenvolvida cotidianamente. Lógica também adotada para a construção da Transamazônica (BR 230) no período da ditadura militar, com entorno destinado a ser ocupado, a ser "civilizado", uma terra "sem donos", esperando por braços que a trabalhassem (LOMBARDI, 2009).

O videoarte segue e os seus 2min03s de duração são marcados pela sonoridade instrumental do hino dos Estados Unidos (*The Star-Spangled Banner*), que expõe frutos do empreendimento de influência norte-americana na América Latina. Expõe um memorial que além de brasileiro é também norte-americano, exemplo do que o poder do capital pode fazer a partir da arrogância e confiança em Deus. Caracteriza como a democratização da comunicação, e de seus instrumentos, viabiliza a produção artística de resgate da nossa História, distanciando-a da versão heróica do colonizador. Vemos que precisamos descobrir o Brasil.



Frame 3: Antigo outdoor de publicidade da Ford com texto “A gente tem estrada”



Fonte: Gu Da Cei (2017)

4. Conclusão

Tendo em vista a ideia de “subdesenvolvimento” e a dimensão continental da Amazônia, analisar casos como os de Belterra-PA, em um vídeo como “Bela Terra” (<http://bit.ly/belaterra>), possibilita um melhor entendimento da História brasileira e de sua posição num contexto global de exploração. Poucos são os brasileiros que têm o privilégio de conhecer e mergulhar na imensidão de um país tão rico e controverso. A Transamazônica, assim como Belterra-PA e Fordlândia-PA, são exemplos de como o pseudo-progresso pode ser fatal para os povos tradicionais. Apesar das constantes ameaças, podemos concluir que Amazônia e seu povo resistiram e vão resistir sempre.

A importância do Rio Tapajós e das comunidades que o cercam são imensuráveis. As representações sígnicas compartilhadas evidenciam que a formação da identidade cultural dos povos que residem na Amazônia ainda está fadada às consequências de planos mal intencionados. Faz-se necessário um aprofundamento sobre qual é o imaginário da população local sobre os EUA. As imagens mostram que existe uma reocupação em curso. Ressignificação do que fica materializado.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo (trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista). São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas híbridas (trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão). São Paulo: Edusp, 1998.
- CRULS, G. Impressões de uma visita à Companhia Ford Industrial do Brasil. Revista Brasileira de Geografia, v. 1. n. 4, p. 3-22, out. 1939.



COSTA, Luciano Bernardino da. Imagem dialética e imagem crítica: fotografia e percepção na metrópole moderna e contemporânea. Tese (Doutorado em Projeto, Espaço e Cultura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, University of São Paulo, São Paulo, 2010. Acesso em: 2018-06-27.

DUARTE JR., Antonio Marcos. Fordlândia e Belterra: as cidades de Henry Ford na Amazônia. Revista Brasileira de Casos de Ensino em Administração, [S.l.], p. c1, jan. 2015. ISSN 2179-135X. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/gvcasos/article/view/24446/50408>>. Acesso em: 22 Jun. 2018.

GRANDIN, G. Fordlândia: ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na selva. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

LOMBARDI, Thais Tartalha do Nascimento. Trajetórias na Transamazônica: estratégias de vida e trabalho em uma área rural amazônica. Campinas-SP, 2009.

MACHADO, Arlindo. Pré-cinemas & pós-cinemas. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

MAHAR, Dennis. Desenvolvimento econômico da Amazônia: uma análise das políticas governamentais, Relatório de Pesquisa IPEA/INPES, Nº 39, Rio de Janeiro, 1978.

MASSEY, Doreen. Pelo espaço – uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MATOS PEREIRA, José Carlos, Cidade na floresta: Belterra, a experiência da plantation de seringa de Henry Ford na Amazônia brasileira (1934-1945), em Avances del Cesor, Año X, Nº 10, 2013, pp. 129-150.

MENDONÇA, S. R. de. Estado e sociedade: a consolidação da república oligárquica. In: LINHARES, M. (Org.). História geral do Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

PEREIRA, José Carlos Matos; LEITE, Márcia da Silva Pereira. A “fala do desenvolvimento” em Belterra e a transformação do lugar em dois contextos de modernização. Novos Cadernos NAEA, [S.l.], v. 14, n. 2, abr. 2016. ISSN 2179-7536. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/579/1004>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

PLAZA, Julio e TAVARES, Mônica. Processos criativos com os meios eletrônicos: poéticas digitais. São Paulo, Ed. Hucitec, 1998.

ROCHA, Glauber. Estética da Fome 65; in ROCHA, Glauber. Revolução do Cinema Novo. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2004, pp. 63-67.

SANTOS, Mariana Bitencourt. A internet e seu potencial educacional, cultural e comunicacional na Aldeia Munduruku de Bragança/Marituba. Universidade de Brasília, 2018.

SENA, C. Fordlândia: breve relato sobre a presença americana na Amazônia. Cadernos de História da Ciência, v. 4. n. 2, jul./dez., p. 90-107, 2008.

WEINSTEIN, Barbara. Modernidade tropical: visões norte-americanas da Amazônia nas vésperas da Guerra Fria. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=405641267010>> . Acesso em: 20 jun. 2018.